Mathias Énard

FALA-LHES DE BATALHAS, DE REIS E DE ELEFANTES

romance

Tradução de
Pedro Tamen

D.QUIXOTE

A noite não comunica com o dia. Arde nele. Levam-na para a fogueira ao alvorecer. E, juntamente com ela, a sua gente, os beberrões, os poetas, os amantes. Nós somos um povo de degredados, de condenados à morte. A ti não te conheço. Conheço o teu amigo turco; é um dos nossos. A pouco e pouco desaparece do mundo, engolido pela sombra e pelas suas miragens; somos irmãos. Não sei que dor ou que prazer o empurrou para nós, para o pó de estrela, talvez o ópio, talvez o vinho, talvez o amor; talvez alguma obscura ferida da alma, bem escondida nos recessos da memória.

Queres juntar-te a nós.

O teu medo e a confusão em que estás lançam-te nos nossos braços, procuras aninhar-te neles, mas o teu corpo duro continua agarrado às suas certezas, afasta o desejo, recusa abandonar-se.

Não te censuro.

Moras numa outra prisão, num mundo de força e de coragem onde pensas que podes ser levado em triunfo; julgas obter a benevolência dos poderosos, procuras a glória e a fortuna. Porém, quando cai a noite, temes. Não bebes porque tens medo; sabes que a queimadura do álcool te precipita na fraqueza, na irresistível necessidade de reaver carícias, uma ternura desaparecida, o

mundo perdido da infância, a satisfação, a calma diante da incerteza cintilante do escuro.

Pensas desejar a minha beleza, a suavidade da minha pele, o brilho do meu sorriso, o refinado das minhas articulações, o carmim dos meus lábios, mas o que na verdade desejas sem o saberes é o desaparecimento dos teus medos, a cura, a união, o retorno, o olvido. Esse poder em ti devora-te na solidão.

Então sofres, perdido num crepúsculo infinito, com um pé no dia e outro na noite.

Três fardos de peles de zibelina e de marta, cento e doze *panni* de lã, nove rolos de cetim de Bérgamo, outros tantos de veludo florentino dourado, cinco barris de salitre, dois caixotes de espelhos e uma pequena arca de joias: eis o que desembarca atrás de Miguel Ângelo Buonarroti no porto de Constantinopla na quinta-feira 13 de maio de 1506. Mal a fragata lançou amarras, o escultor saltou para terra. Cambaleia um pouco depois de seis dias de penosa navegação. Não se sabe qual o nome do dragomano grego que o está esperando, chamemos-lhe Manuel; em contrapartida, é conhecido o do comerciante que o acompanha, Giovanni di Francesco Maringhi, um florentino já estabelecido em Istambul há cinco anos. As mercadorias são dele. É um homem afável, feliz por conhecer o escultor do *David*, que é um herói da república de Florença.

É claro que Istambul era então bem diferente; chamavam-lhe sobretudo Constantinopla; imperava apenas Santa Sofia, sem a Mesquita Azul; a margem oriental do Bósforo era desolada, o grande bazar não era ainda aquela imensa teia de aranha onde se perdem os turistas do mundo inteiro para lá serem devorados. O Império já não era romano e não era ainda o Império, a cidade oscilava entre Otomanos, Gregos, Judeus e Latinos; o

sultão tinha por nome Bayazid, o segundo, apelidado o Santo, o Piedoso, o Justo. Os Florentinos e os Venezianos chamavam-lhe Bajazeto, os Franceses Bajazet. Era um homem sábio e discreto, que reinou trinta e um anos; gostava de provar vinho, poesia e música; não dizia que não a rapazes nem a raparigas; apreciava as ciências e as artes, a astronomia, a arquitetura, os prazeres da guerra, os cavalos rápidos e as armas de gume afiado. Não se sabe o que o levou a convidar Miguel Ângelo Buonarroti, dos Buonarroti de Florença, a vir a Istambul, se bem que o escultor gozasse já de grande renome em Itália. Aos trinta e um anos de idade, havia quem o considerasse o maior artista daquele tempo. Era muitas vezes comparado com o imenso Leonardo da Vinci, que era vinte anos mais velho.

Naquele ano Miguel Ângelo saiu de Roma por uma decisão súbita, no sábado 17 de abril, véspera da colocação da primeira pedra da nova basílica de San Pietro. Fora pela quinta vez consecutiva rogar ao papa que se dignasse honrar a sua promessa de dinheiro fresco. Puseram-no a andar.

Miguel Ângelo estremece debaixo da sua capa de lã; a primavera é tímida, pluviosa. Segundo nos diz Ascanio Condivi, seu biógrafo, Miguel Ângelo Buonarroti chega aos limites da república de Florença à segunda hora da noite e fica numa estalagem a trinta léguas da cidade.

Miguel Ângelo pragueja contra Júlio II, o papa guerreiro e autoritário que tão mal o tratou. Miguel Ângelo é orgulhoso. Miguel Ângelo tem a consciência de ser um artista de valor.

Sabendo-se em segurança em território florentino, manda de regresso os esbirros que o papa enviou em sua perseguição com ordens de o trazer para Roma, à força se fosse preciso. Chega a Florença no dia seguinte para a ceia. A criada serve-lhe um caldo magro. Miguel Ângelo insulta mentalmente o arquiteto Bramante e o pintor Rafael, os invejosos que, segundo pensa, o prejudicaram junto do papa. O pontífice Júlio Della Rovere é também um homem orgulhoso. Orgulhoso, autoritário e mau

pagador. O artista teve de pagar do seu bolso o custo dos mármores que foi escolher em Carrara para a execução do túmulo papal, um imenso monumento que iria pavonear-se mesmo a meio da nova basílica. Miguel Ângelo suspira. O adiantamento sobre o contrato assinado pelo papa foi gasto em aviamentos, em deslocações, em aprendizes para esquadriar os blocos.

O escultor, esgotado pela viagem e pelas preocupações, um pouco reconfortado pelo caldo, fecha-se no seu leito minúsculo de homem do Renascimento e adormece sentado, de costas contra uma almofada, porque tem medo da imagem de morte própria da posição deitada.

No dia seguinte espera uma mensagem do papa. Treme de raiva quando pensa que o pontífice nem sequer se dignou recebê-lo na véspera da sua partida. Bramante, o arquiteto, é um imbecil, e Rafael, o pintor, um pretensioso. Dois anões que adulam a desmesurada soberba do purpurado. Chega o domingo e Miguel Ângelo come carne pela primeira vez desde há meses, um delicioso borrego, assado pelo seu vizinho padeiro.

Passa o dia inteiro a desenhar, esgota num ápice três sanguíneas e duas grafites.

Os dias vão passando e Miguel Ângelo começa a perguntar a si mesmo se não terá cometido um erro. Hesita em escrever uma carta a Sua Santidade. Recuperar o estado de graça e voltar para Roma. Isso nunca. Em Florença a estátua do *David* fez dele o herói da cidade. Poderia aceitar as encomendas que não deixariam de lhe fazer logo que soubessem do seu regresso, mas isso iria desencadear a fúria de Júlio, com quem está comprometido. A ideia de ter de se humilhar mais uma vez diante do pontífice provoca-lhe um grande assomo de cólera.

Parte duas taças e um prato de majólica.

Depois, acalmando-se, recomeça a desenhar, principalmente estudos de anatomia.

Três dias mais tarde, depois das vésperas, segundo especifica Ascanio Condivi, recebe a visita de dois frades franciscanos, que chegam encharcados pelas pancadas de água da chuva. O Arno cresceu muito nos últimos dias e teme-se uma cheia. A criada ajuda os frades a secarem-se; Miguel Ângelo observa os dois homens, os hábitos manchados de lama nas bordas, os tornozelos nus, as barrigas das pernas escanzeladas.

– Mestre, vimos transmitir-vos uma mensagem da maior importância.

– Como é que deram comigo?

Miguel Ângelo, divertido, acha que Júlio II tem uns mensageiros bem mesquinhos.

– Por indicações do vosso irmão, mestre.

– Aqui tendes uma carta para vós, *maestro*. Trata-se de um pedido especial, que vem de um altíssimo personagem.

A carta não está lacrada, mas selada por carateres desconhecidos. Miguel Ângelo não pode deixar de se sentir dececionado quando vê que não vem do papa. Poisa a missiva em cima da mesa.

– De que é que se trata?

– De um convite do sultão de Constantinopla, mestre.

Imagina-se a surpresa do artista, os seus olhinhos arregalados. O sultão de Constantinopla. O Grão-Turco. Revira a carta entre os dedos. O papel encerado é uma das mais suaves matérias que existem.

Sentado nos ventos do Adriático, num barco que sulca o Adriático, Miguel Ângelo arrepende-se. Torce-se-lhe o estômago, zumbem-lhe os ouvidos, tem medo. Aquela tempestade é a vingança divina. Ao largo de Ragusa, e depois em frente da Moreia, baila-lhe na cabeça a frase de São Paulo: «para aprender a orar é preciso ir ao mar», e compreende-a. Assusta-o a imensidão da planura marinha. Os moços de bordo falam um medonho dialeto fanhoso que mal compreende.

Saiu de Florença a 1 de maio para embarcar em Ancona, depois de seis dias de hesitações. Os franciscanos voltaram três vezes, e três vezes os mandou embora pedindo-lhes que esperassem mais. Leu e releu a carta do sultão, à espera de que entretanto um sinal do papa pusesse fim às suas incertezas. Júlio II devia estar muito ocupado com a sua basílica e com os preparativos de uma nova guerra. Servir o sultão de Constantinopla: ora ali estava afinal uma bela maneira de se desforrar do belicoso pontífice que o pusera na rua como a um indigente. E a soma oferecida pelo Grão-Turco é fantástica. O equivalente a cinquenta mil ducados, ou seja, cinco vezes mais do que o papa lhe pagara por dois anos de trabalho. Um mês. É tudo o que lhe pede Bayazid. Um mês para projetar, desenhar e iniciar a construção de uma ponte entre

Constantinopla e Peras, o subúrbio setentrional. Uma ponte que atravessasse aquilo a que chamam Corno de Ouro, o *Khrusokeras* dos Bizantinos. Uma ponte a meio do porto de Istambul. Obra de mais de novecentos pés de comprimento. Miguel Ângelo tentou debilmente convencer os franciscanos de que não era capaz. Se o sultão vos escolheu é porque o sois, mestre, responderam eles. E se o vosso desenho não agradar ao Grão-Turco, ele o recusará, tal como já recusou o de Leonardo da Vinci. Leonardo? Vir depois de Leonardo? Depois daquele pacóvio que despreza a escultura? O frade, sem bem se dar conta disso, encontrou imediatamente as palavras para convencer Miguel Ângelo: *Se aceitardes ireis ultrapassá-lo em glória, porque triunfareis onde ele fracassou e dareis ao mundo um monumento sem igual, como o vosso* David.

Para já, encostado a um filerete de madeira húmida, o escultor sem igual, futuro pintor de génio e imenso arquiteto, é apenas um corpo, torcido pelo medo e pela náusea.

E, assim, todas aquelas peles, todos aqueles *panni* de lã, aqueles rolos de cetim de Bérgamo e de veludo florentino, aqueles barris e aqueles caixotes desembarcaram a seguir a Miguel Ângelo, a 13 de maio de 1506.

Uma hora antes, ao dobrar a ponta do palácio, o artista avistou a basílica de Santa Sofia, um gigante de largos ombros, um Atlas que leva a sua cúpula aos cumes do mundo conhecido; durante as manobras de atracação observou a atividade do porto; viu descarregar o azeite de Mitilene, os sabões de Tripoli, o arroz do Egito, os figos secos de Esmirna, o sal e o chumbo, a prata, os tijolos e as madeiras de construção; percorreu com os olhos as encostas da cidade, observou de passagem o antigo serralho, os minaretes de uma grande mesquita, mais altos que o cimo da colina; viu sobretudo a margem oposta, as muralhas da fortaleza de Gálata, do outro lado do Corno de Ouro, aquele estuário que tão pouco se assemelha à foz do Tibre. É ali, portanto, um pouquinho mais adiante, a montante, que se supõe que ele irá construir uma ponte. A distância a cobrir é gigantesca. Quantos arcos serão necessários? Qual será a profundidade daquele braço de mar?

Miguel Ângelo e a sua bagagem instalam-se num quartinho do primeiro piso dos armazéns do mercador florentino Maringhi.